

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

## **VINCULAÇÃO AOS PAIS, AO PAR AMOROSO E COMPORTAMENTOS SEXUAIS DE RISCO**

A. Sá Azevedo<sup>1</sup> & E. Eva Ferreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UCP, Portugal

A fase de jovem adulto caracteriza-se por um estabelecimento estável da identidade pessoal e sexual, e por uma certa independência dos pais (Reis, Ramiro, de Matos, & Diniz, 2012).

A Teoria da Vinculação desenvolvida por Bowlby (1969) desencadeou um aumento visível da investigação científica relativamente à interação entre a criança e as suas figuras de vinculação. A Vinculação tem sido definida como o laço afetivo que une um sujeito a outro, persistente no tempo e manifestado na busca de proximidade em momentos de necessidade ou ameaça (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1969).

Um dos aspectos centrais da Teoria da Vinculação é o de que “as representações do indivíduo acerca da vinculação primária tendem a ser generalizadas na formação de novas relações ao longo do desenvolvimento” (Mendonça & Almeida, 2010, p. 678). Desta forma, os vínculos afetivos “não se limitam à infância, estão ativos durante todo o ciclo vital de desenvolvimento do indivíduo” (Mendonça & Almeida, 2010, p. 678).

Habitualmente designadas por Modelos Internos Dinâmicos (MID), “as associações entre as relações íntimas do indivíduo e as influências das experiências precoces de vinculação nos laços afetivos são mediadas pelas representações mentais das experiências de vinculação” (Faria, Bastos, Soares, & Silva, 2008, p. 202). Estes modelos permitiriam, numa fase inicial, interpretar e prever o comportamento da figura de vinculação e, ao longo da vida, seriam utilizados como guias comportamentais, constituindo uma base para a interpretação de experiências relacionais (Canavarro, Dias, & Lima, 2006).

Na sequência da teoria de Bowlby, Bartholomew (1990) propõe um modelo bidimensional da vinculação do adulto, constituído por quatro padrões: “seguro” (modelo positivo de si e do outro; sente-se confortável, quer com a intimidade quer com a autonomia, quer dependendo de outros quer tendo outros a depender dele próprio); “preocupado” (modelo negativo de si e positivo do outro; bastante dependente dos outros); “desinvestido” (modelo positivo de si e negativo do outro; desvaloriza a importância das relações de intimidade pela repressão de emoções, pela ênfase na independência e na autodeterminação e pela falta de clareza e coerência na discussão das relações) e “amedrontado” (modelo negativo de si e do outro; receia a intimidade e é socialmente evitante, por medo de ser rejeitado e por desconfiança dos outros).

De encontro ao que foi já referido, a partir da adolescência é expectável que os indivíduos se confrontem com um “processo de aquisição de autonomia e independência emocional relativamente aos pais e simultaneamente, estabeleçam relações interpessoais e de intimidade mais amadurecidas com os pares” (Dias, Matos, & Gonçalves, 2007, p. 625). Ainda, nos jovens adultos e nos adultos, o sistema comportamental sexual tem também um papel de relevo, sendo que nas relações duradouras tende a fortalecer a ligação emocional entre os parceiros e a promover o desenvolvimento de uma relação de vinculação (Fonseca, Soares, & Martins, 2006).

A concetualização do comportamento sexual de risco em diferentes investigações tem sido representada pela idade de início das relações sexuais, número de parceiros sexuais, pouco uso do preservativo, relações sexuais sob efeito de substâncias psicoativas e pouco conhecimento ou conhecimento inadequado sobre sexualidade, que aumentam a vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis (Zabalgoitia & Méndez, 2013).

Apesar dos poucos estudos presentes, a revisão da literatura sugere que existe uma associação entre a relação com a família e com os pares e os comportamentos sexuais que os adolescentes e os jovens adultos adotam (DiClemente, Salazar, Crosby & Rosenthal, 2005, citado em Mendonça & Almeida, 2010).

O objetivo principal deste estudo é perceber se existe relação entre vinculação aos pais (inibição da exploração e individualidade, qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência) e ao par

amoroso (dependência, confiança, ambivalência e evitamento) e entre estes e os comportamentos sexuais de risco (idade de início das relações sexuais, número de parceiros sexuais e baixo uso métodos contraceptivos) dos jovens adultos portugueses. Igualmente, pretende-se estudar se existem diferenças entre as variáveis principais deste estudo e as variáveis sócio demográficas (idade, estado civil dos pais, agregado familiar e ano de curso do ensino superior).

## MÉTODO

### *Participantes*

A amostra deste estudo é constituída por 116 estudantes universitários do distrito de Braga, dos quais a maioria é do sexo feminino ( $n=107$ , 92.2%), com idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos ( $M=20.74$ ,  $DP=4.24$ ). Relativamente ao ano de curso, as respostas variam entre 1º e 3º ano de Licenciatura ( $M_{dn}=2^{\circ}$  ano). Quando questionados sobre o agregado familiar, a maioria dos participantes respondeu família nuclear ( $n=79$ , 91.9%). Em relação ao estado civil dos pais, a maioria dos sujeitos refere que são casados ( $n=94$ , 81%).

### *Material*

No presente estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: (1) Questionário Sociodemográfico, desenvolvido para esta investigação; (2) Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM), adaptado à população portuguesa por Matos e Costa (2001a). Este questionário é composto por 30 itens organizados numa estrutura de vinculação composta de 3 fatores: inibição da exploração e individualidade (IEI), qualidade do laço emocional (QLE) e ansiedade de separação e dependência (ASD); e (3) Questionário de Vinculação Amorosa (QVA), adaptado à população portuguesa por Matos, Barbosa e Costa (2001; Matos & Costa, 2001b). Este instrumento é constituído por 52 itens agrupados em 4 dimensões: Confiança (i.e., perceção da sensibilidade do par amoroso para reconhecer necessidades), Dependência (i.e.,

necessidade de proximidade física e emocional), Evitamento (i.e., papel secundário que o companheiro ocupa no preenchimento das necessidades de vinculação) e Ambivalência (i.e., dúvida relativamente às suas emoções em relação ao par amoroso).

## RESULTADOS

A amostra apresenta valores na dimensão da vinculação aos pais com níveis mais elevados na Qualidade do Laço Emocional – Mãe ( $M=5.432$ ,  $DP=.718$ ), sendo a mais baixa a dimensão Inibição de Exploração e Individualidade – Pai ( $M=2.599$ ,  $DP=.885$ ). Já na vinculação amorosa, a dimensão Confiança ( $M=3.909$ ,  $DP=.352$ ) é a que apresenta níveis mais elevados, sendo a dimensão Evitamento ( $M=2.365$ ,  $DP=.634$ ) a que apresenta níveis mais baixos.

Relativamente aos comportamentos sexuais de risco, os resultados demonstram que a maioria dos participantes já iniciou relações sexuais ( $n=103$ , 88.8%). Dos sujeitos que já iniciaram a atividade sexual, a idade de início varia entre os 13 e os 25 anos ( $M=17.06$ ,  $DP=1.95$ ). Quando questionados sobre o número de parceiros sexuais, as respostas variam entre 1 e 15 ( $M=2.31$ ,  $DP=2.11$ ). A maioria dos participantes relata que usa métodos contraceptivos ( $n=98$ , 93.3%), sendo a pílula ( $n=43$ , 43.9%) o método mais mencionado. Relativamente à questão sobre relações sexuais desprotegidas, as respostas variam entre não e mais que uma vez ( $M_{dn}=\text{Não}$ ,  $n=61$ , 59.8%). No que se refere à pílula do dia seguinte a maioria dos participantes refere que não utilizou ( $n=75$ , 64.7%); dos que responderam afirmativamente, o uso varia entre 1 e 5 vezes ( $M=1.33$ ,  $DP=.877$ ).

No que concerne a relação entre a vinculação aos pais e a vinculação ao par amoroso (Tabela 1), verificou-se uma associação estatisticamente significativa, positiva, entre a dimensão Dependência e as dimensões Inibição da Exploração e Individualidade – Pai ( $r=.21$ ,  $p=.028$ ), Ansiedade de Separação e Dependência – Pai ( $r=.25$ ,  $p=.008$ ), Inibição da Exploração e Individualidade – Mãe ( $r=.19$ ,  $p=.049$ ) e Ansiedade de Separação e Dependência – Mãe ( $r=.39$ ,  $p=.000$ ).

Tabela 1

*Relação entre vinculação aos pais e vinculação ao par amouros*

	Confiança		Dependência		Evitamento		Ambivalência	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>R</i>	<i>p</i>
IEI – Pai	.14	.156	.21*	.028	-.01	.892	.03	.782
QLE – Pai	.01	.893	-.04	.674	-.05	.601	-.03	.788
ASD - Pai	-.02	.827	.25**	.008	-.10	.337	-.01	.947
IEI – Mãe	.07	.420	.19*	.049	.08	.431	.07	.508
QLE - Mãe	.21*	.027	.10	.294	-.14	.156	-.09	.365
ASD - Mãe	.10	.327	.39**	.000	-.07	.449	.03	.775

Nota. \* $p < 0.05$ , \*\* $p < 0.01$ .

Além disso, os resultados demonstram uma correlação estatisticamente significativa, positiva, entre a dimensão Confiança e a dimensão Qualidade do Laço Emocional – Mãe ( $r = .21$ ,  $p = .027$ ). Tal indica que um aumento na inibição da exploração e individualidade e na ansiedade de separação e dependência relativamente a ambos os progenitores está ligado a um aumento da dependência em relação ao par amoroso.

Conforme a Tabela 2, no que respeita à relação entre comportamentos sexuais de risco e vinculação aos pais, verificou-se uma associação estatisticamente significativa, positiva, entre a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade – Pai e o número de parceiros sexuais ( $r = .21$ ,  $p = .041$ ) e entre a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade – Mãe e o número de parceiros sexuais ( $r = .28$ ,  $p = .006$ ). Isto é, o número de parceiros sexuais dos jovens aumenta com níveis mais elevados de inibição da exploração e individualidade por parte de ambos os progenitores.

Conforme a Tabela 3, verificamos uma associação estatisticamente significativa, positiva, entre a dimensão Evitamento e a idade de início das relações sexuais ( $r = .25$ ,  $p = .014$ ); e a dimensão Confiança e o uso de métodos contraceptivos ( $r_{pb} = .197$ ,  $p = .047$ ).

E, ainda, uma associação estatisticamente significativa, negativa, entre o uso de métodos contraceptivos e as dimensões Evitamento ( $r_{pb} = -.290$ ,  $p = .003$ ) e Ambivalência ( $r_{pb} = -.273$ ,  $p = .005$ ).

Por outras palavras, uma vinculação amorosa evitante está ligada a um início das relações sexuais mais tardio e uma vinculação amorosa confiante está relacionada com um maior uso dos métodos contraceptivos.

Ainda, uma vinculação amorosa evitante/ambivalente está associada a um menor uso dos métodos contraceptivos.

Tabela 2

*Relação entre comportamentos sexuais de risco e vinculação aos pais*

	Idade Início Relações Sexuais		Nº Parceiros Sexuais		Uso Método Contraceptivos	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>R</i>	<i>P</i>	<i>(r<sub>pb</sub>)</i>	<i>P</i>
IEI - Pai	-.01	.961	.21*	.041	.037	.717
QLE - Pai	-.06	.534	-.18	.071	.091	.365
ASD -Pai	-.08	.434	-.12	.246	.154	.130
IEI - Mãe	-.04	.666	.28**	.006	.011	.917
QLE - Mãe	.02	.826	-.05	.624	.098	.328
ASD - Mãe	-.06	.580	.01	.909	.115	.260

Nota. \* $p < 0.05$ , \*\* $p < 0.01$ .

Tabela 3

*Relação entre comportamentos sexuais de risco e vinculação ao par amoroso*

	Idade Início Relações Sexuais		Nº Parceiros Sexuais		Uso Métodos Contraceptivos	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>R</i>	<i>p</i>	<i>(r<sub>pb</sub>)</i>	<i>P</i>
Confiança	.01	.929	-.02	.848	.197*	.047
Dependência	-.02	.816	.06	.566	.030	.763
Evitamento	.25*	.014	-.03	.778	-.290**	.003
Ambivalência	-.03	.768	.04	.679	-.273**	.005

Nota. \* $p < 0.05$ , \*\* $p < 0.01$ .

Por sua vez, foram encontrados resultados significativamente superiores (Tabela 4), entre os participantes com pais divorciados no que concerne as dimensões Inibição da Exploração e Individualidade – Pai [ $t_{(106)} = -2.993$ ,  $p = .003$ ], Inibição da Exploração e Individualidade – Mãe [ $t_{(108)} = -2.984$ ,  $p = .004$ ] e Ansiedade de Separação e Dependência – Mãe [ $t_{(107)} = -2.604$ ,  $p = .011$ ]. Isto indica que os participantes com pais divorciados revelam maiores níveis de inibição da exploração e individualidade, relativamente a ambos os progenitores, e maiores níveis de ansiedade de separação e dependência em relação à mãe.

Tabela 4

*Vinculação aos pais em função do estado civil dos pais*

	Casados		Divorciados		Teste t de student		
	M	DP	M	DP	T	Gl	P
IEI - Pai	2.485	.801	3.132	1.078	-2.993	106	.003
QLE - Pai	5.232	.822	4.410	1.808	1.989	20.777	.060
ASD - Pai	3.266	.963	3.065	1.318	.780	105	.437
IEI - Mãe	2.559	.796	3.200	1.152	-2.984	108	.004
QLE - Mãe	5.403	.735	5.565	.638	-.912	110	.364
ASD - Mãe	3.379	1.035	4.040	.984	-2.604	107	.011

Nota: M=Média; DP=Desvio Padrão.

Também se verificou uma associação estatisticamente significativa, negativa ( $r_{pb}=-.276$ ,  $p=.004$ ) entre o uso dos métodos contraceptivos e a idade, conforme a Tabela 5. Ou seja, o uso de métodos contraceptivos diminui conforme aumenta a idade dos participantes.

Tabela 5

*Uso de métodos contraceptivos em função da idade*

	Idade	
	( $r_{pb}$ )	P
Uso Métodos Contraceptivos	-.276**	.004

Nota: \*\* $p<0.01$ .

Percebemos, ainda, conforme a Tabela 6, pontuações médias superiores entre os participantes que vivem com a família alargada no que concerne a dimensão Dependência ( $M=3.154$ ,  $DP=.311$ ), quando comparados com os participantes que vivem com a família nuclear ( $M=2.773$ ,  $DP=.770$ ), verificando-se diferenças estatisticamente significativas [ $t_{(13.971)}=-2.608$ ,  $p=.021$ ] entre os grupos.

Tabela 6

*Vinculação ao par amoroso em função do agregado familiar*

	F. Nuclear		F. Alargada		Teste t de student		
	M	DP	M	DP	T	gl	P
Confiança	3.928	.349	3.890	.230	.282	82	.779
Dependência	2.773	.770	3.154	.311	-2.608	13.971	.021
Evitamento	2.412	.664	2.282	.694	.460	83	.646
Ambivalência	2.466	.718	2.400	.305	.205	82	.838

Nota: M=Média; DP=Desvio Padrão.

Assim, os jovens que vivem com a família alargada relatam maior dependência relativamente ao par amoroso.

Conforme a Tabela 7, existe uma diferença estatisticamente significativa relativamente às dimensões Qualidade do Laço Emocional – Pai ( $F=3.430$ ,  $p=.036$ ), com a pontuação média mais elevada entre os alunos do 1º ano ( $M=5.305$ ,  $DP=.728$ ) e mais baixa no 3º ano ( $M=4.682$ ,  $DP=1.417$ ); Ansiedade de Separação e Dependência – Pai ( $F=16.133$ ,  $p=.000$ ), com a pontuação média mais elevada encontrada entre os alunos do 1º ano ( $M=3.899$ ,  $DP=.750$ ) e mais baixa no 3º ano ( $M=2.667$ ,  $DP=.901$ ); Ansiedade de Separação e Dependência – Mãe ( $F=14.170$ ,  $p=.000$ ), com a pontuação média mais elevada entre os alunos do 1º ano ( $M=4.150$ ,  $DP=.829$ ) e mais baixa no 3º ano ( $M=3.045$ ,  $DP=.864$ ). No entanto as diferenças são estatisticamente significativas apenas entre os alunos do 1º e 3º ano ( $DM=.623$ ,  $p=.048$ ), no que se refere à dimensão Qualidade do Laço Emocional – Pai; entre os alunos do 1º e 2º ano ( $DM=.799$ ,  $p=.001$ ), também entre os alunos do 1º e 3º ano ( $DM=1.222$ ,  $p=.000$ ), no que concerne a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência – Pai; e ainda entre os alunos do 1º e 2º ano ( $DM=.915$ ,  $p=.000$ ), também entre os alunos do 1º e 3º ano ( $DM=1.105$ ,  $p=.000$ ), referente à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência – Mãe.

Tabela 7

*Vinculação aos pais em função do ano de curso*

	1º Ano		2º Ano		3º Ano		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>P</i>
IEI – Pai	2.668	.613	2.630	1.054	2.485	.958	.409	.666
QLE - Pai	5.305	.728	5.218	1.032	4.682	1.417	3.430	.036
ASD - Pai	3.889	.750	3.090	1.052	2.667	.901	16.133	.000
IEI – Mãe	2.780	.712	2.644	1.017	2.590	.968	.433	.650
QLE - Mãe	5.470	.664	5.503	.593	5.297	.907	.812	.447
ASD - Mãe	4.150	.839	3.235	1.087	3.045	.864	14.170	.000

*Nota: M=Média; DP=Desvio Padrão.*

Tal indica que os alunos do 1º ano de licenciatura revelam níveis mais elevados no que concerne a qualidade do laço emocional, em relação ao

pai, e a ansiedade de separação e dependência relativamente a ambos os progenitores.

Por sua vez, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre o número de parceiros e o ano de curso, conforme a Tabela 8 ( $F=4.110$ ,  $p=.019$ ), sendo a pontuação média mais elevada encontrada entre os alunos do 3º ano ( $M=3.091$ ,  $DP=3.025$ ) e a mais baixa no 1º ano ( $M=1.656$ ,  $DP=1.208$ ).

Tabela 8

*Número de parceiros sexuais em função do ano de curso*

	1º Ano (n = 32)		2º Ano (n = 37)		3º Ano (n = 33)		ANOVA	
	M	DP	M	DP	M	DP	F	P
Nº Parceiros Sexuais	1.656	1.208	2.189	1.450	3.091	3.025	4.110	.019

*Nota: M=Média; DP=Desvio Padrão.*

No entanto, as diferenças são estatisticamente significativas apenas entre estes grupos ( $DM=-1.435$ ,  $p=.017$ ). Isto é, os alunos do 3º ano de licenciatura revelam um maior número de parceiros sexuais.

## CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

Em suma, as conclusões deste estudo são relevantes para a compreensão do fenómeno da vinculação e pela necessidade de contribuir para identificação de fatores ligados aos comportamentos sexuais de risco, uma vez que a preocupação com a sensibilização e prevenção continua pertinente e necessária no nosso país. A nível de implicações para a prática terapêutica, este estudo permite aos profissionais ter mais informação para criar um contexto de segurança, favorecedor da exploração pessoal e facilitador da mudança dos seus clientes. Por exemplo, promovendo a vinculação aos pais conseguimos respostas adaptativas na vinculação ao par amoroso. No que respeita à prevenção dos comportamentos sexuais de risco, este estudo permite aos profissionais perceber quais os fatores que deverão ser considerados na intervenção psicológica preventiva.

## REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716. doi: 10.1037//0003-066X.44.4.709
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155-186.
- Dias, S., Matos, M. G., & Gonçalves, A. (2007). Percepção dos Adolescentes Acerca da Influência dos Pais e Pares nos seus Comportamentos Sexuais. *Análise Psicológica*, 4(25), 625-634. doi: 10.14417/ap.471
- Faria, C., Bastos, A., Soares, I., & Silva, C. (2008). Organização da Vinculação e Qualidade da Relação com os Pares. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 201-210.
- Fonseca, M., Soares, I., & Martins, C. (2006). Estilos de vinculação, orientação para o trabalho e relações profissionais. *Psicologia*, 20(1), 187-208. doi: 10.17575/rpsicol.v20i1.382
- Mendonça, S., & Almeida, A. S. (2010). Vinculação aos Pais e aos Pares Amorosos e Comportamentos Sexuais de Jovens Adultos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 677-685.
- Reis, M., Ramiro, L., de Matos, M. G., & Diniz, J. A. (2012). Os Comportamentos Sexuais dos Universitários Portugueses de Ambos os Sexos em 2010. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 30(2), 105-114. doi: 10.1016/j.rpsp.2012.12.001
- Zabalgoitia, M. T., & Méndez, J. O. (2013). Conocimientos y Actitudes sobre Sexualidad en Jóvenes Universitarios. *Revista Electrónica de Psicología Iztacala*, 16(1), 258-268.